A POLÍTICA INDIGENISTA E A RESISTÊNCIA DOS WAIMIRI- ATROARI NO CASO BALBINA, 1979 A 2012.

Eduardo Gomes da Silva Filho *[1]

RESUMO : Este artigo é fruto de pesquisa científica em sua fase inicial, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, Pretendemos discutir a política indigenista praticada pela Funai, Eletronorte e o programa Waimiri-Atroari no caso da construção da Usina Hidrelétrica de Balbina. Nós analisaremos o discurso produzido por estas instituições em detrimento do discurso de ambientalistas, antropólogos e ex-missionários do Conselho Indigenista Missionário do Amazonas, que possuem visões antagônicas acerca da construção da Hidrelétrica e do deslocamento compulsório do povo Waimiri-Atroari . Destacaremos também, o processo de superação deste povo, através de práticas de resistências.

Palavras-chave: Política indigenista, Waimiri-Atroari, Balbina.

ABSTRACT: This article is the result of scientific research in its initial phase, developed in the Graduate Program in the History of the Federal University of Amazonas, is to discuss indigenous politics practiced by FUNAI, Eletronorte and program Waimiri Atroari in the case of the construction of the Plant Balbina Dam. We will anayze the apeech produced by these institutions to the detriment of the speech of environmentalists, anthropologists, missionaries and former Indigenous Missionary Council of the Amazon, who have opposing views about the construction of Hydroelectric and compulsory displacement of people Waimiri Atroari. Also highlight the process of overcoming this people through practices of resistance

Keywords: Indian Politics, Waimiri Atroari, Balbina.

A Usina Hidrelétrica de Balbina está localizada no rio Uatumã, que faz parte da bacia Amazônica no Município de Presidente Figueiredo Amazonas, a uma distância de 187 km de Manaus. Sua construção tem sido muito criticada, e continua sendo até os dias atuais como um grande projeto inviável no que se refere à baixa produção e ao aproveitamento da energia elétrica. Isso comparado aos altos investimentos feitos e a grande área que foi inundada, trazendo grandes prejuízos tanto de caráter humano, quanto ecológicos, praticamente, irreversíveis.

A política praticada e defendida pelo programa Waimiri-Atroari em conjunto com a FUNAI e a Eletronorte, evidencia uma ação autoritária sobre os índios, haja vista que foi a

[1] *Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação do Profº Dr. Marcos César Borges da Silveira e Coorientação do Dr. Luiz Balkar Sá Peixoto Pinheiro. É professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, leciona a disciplina de História. E-mail: eduardoeducacao@hotmail.com Fone (92) 81843605.

grande responsável pelo deslocamento compulsório e a quase extinção da etnia. De acordo com o pesquisador e antropólogo da Universidade de Brasília Stephen G. Baines (1994),[2] a obra atendeu, em primeiro lugar, aos interesses das grandes empresas construtoras e tem como seu principal objetivo gerar lucro. Já para o Antropólogo Norte Americano Shelton Davis (1978)[3], os impactos devastadores dos projetos de desenvolvimento sobre os povos campesinos e tribais, que em muitos casos provocam deslocamentos forçosos e a desarticulação de seus sistemas de organização social, e são em grande parte responsáveis pelos grandes prejuízos causados aos indígenas.

A pesquisa também tem a preocupação de investigar o processo de resistência da referida etnia em detrimento das ações de ocupação do seu território, através do estudo dos seus costumes, práticas, tradições e representações, mostrando segundo David Marshall Sahlins (1997)[4], que a cultura não é um objeto em via de extinção.

Em 1979 a Eletronorte iniciou a construção da Usina Hidrelétrica de Balbina, cujo lago implicou no represamento do rio Uatumã, inundando cerca de 30 mil hectares da área da Reserva Indígena Waimiri-Atroari, a obra em si foi inaugurada a partir de 1988, porém ainda de forma parcial, com uma produção de cerca de 250 KW, que não supre nem em 50% a necessidade e a demanda de energia da cidade de Manaus.

Toda Bacia do Rio Uatumã, faz parte de uma complexa rede hidrográfica que vem sofrendo profundas alterações, relacionadas a seus recursos naturais em detrimento dos grandes projetos desenvolvimentistas, os ambientalistas nos advertem dos profundos impactos e prejuízos causados por essa obra faraônica e aparentemente com pouca utilidade, temos de acordo com Fearnside:

> A barragem nos dá um exemplo da falta de planejamento racional no desenvolvimento na Amazônia brasileira, e ilustra problemas ambientais que ocorrerão outras vezes se o País continuar realizando os atuais planos para uma expansão maciça de desenvolvimento hidrelétrico da região[5].

---

[2] BAINES, Stephen G .**A Usina Hidrelétrica de Balbina e o deslocamento compulsório dos Waimiri-Atroari**. Série Antropologia 166, Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1994.

[3] DAVIS, Shelton. **Vítimas do Milagre**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

[4] SAHLINS, Marshall David. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica** :porque a cultura não é um objeto em via de extinção. Mana: estudos de Antropologia social. Rio de Janeiro: PPEAS/UFRJ. V.3,n.1,abril de 1997,p. 41-73.

[5] FEARNSIDE, Philip M. 1990. P.11. **A Hidrelétrica de Balbina – O Faraonismo Irreversível Versus o Meio Ambiente na Amazônia**. Instituto de Antropologia e Meio Ambiente, São Paulo (Estudos IAMÁ 1).

O atual processo globalizante está acompanhado de políticas neoliberais[6] que tem como base o lucro e não suporta intervenção, portanto o próprio mercado incumbiu-se de fazer alguns ajustes na economia, tentando varrer do mapa "certas etnias", com as práticas de determinadas tentativas de exclusões culturais e étnicas em nome do capitalismo. Nesse contexto, os Waimiri-Atroari encontram-se teoricamente "protegidos" pelo Estado, mas com uma típica administração de cunho empresarial.

Sendo assim, a presente pesquisa pretende investigar de maneira científica os efeitos colaterais e o discurso produzido pelo convênio (PWA FUNAI/ELETRONORTE), além de contrapor aos demais discursos de ambientalistas e antropólogos e ressaltar a resistência heróica desse povo, desta forma, esse discurso universalista de desenvolvimento está em queda e de acordo com Peter Schroder (2003)[7], várias etnias indígenas passam por problemas por causa disso.

Entendemos que à pesquisa tem como intenção contribuir com a histotiografia local, pensando o espaço nacional e as problemáticas de uso dos espaços naturais. A mesma trata-se de uma busca minuciosa em acervos e fontes escritas e orais, entre as instituições de custódia das fontes podemos destacar o Conselho Indigenista Missionário do Amazonas, que tem um grande acervo de documentos referentes aos Waimiri-Atroari, além de contar com a colaboração dos seus ex-missionários, entre eles destaca-se a luta de um dos maiores defensores da causa indigenista no País, o ex-missionário e membro da comissão nacional da verdade Egydio Schwade, que possui um vasto acervo pessoal e que sempre colabora com pesquisas acadêmicas. Também é utilizado na pesquisa documentos e relatórios produzidos pelo INPA[8] , com relatórios produzidos em conjunto com o CNPq, acerca da viabilidade econômica, qualidade da água e do solo, energia produzida e os impactos ambientais causados pela construção de Balbina.

A Fundação Nacional do Índio em Manaus, é uma das instituições de custódia das fontes, que possui vários documentos relevantes à pesquisa. O Sistema de Proteção da Amazônia, nos dará o devido suporte no que diz respeito aos dados de sensoriamento remoto, imprescindíveis no processo de identificação da área de estudo. No Museu Amazônico existe um raro acervo bibliográfico que nos possibilitou um maior aprofundamento teórico-

---

[6] As políticas neoliberais implementadas ao final dos anos 70 e no começo dos 80 por parte do governo ditatorial, constituem uma tentativa crescentemente e desesperada de 'remercadorização' de suas economias.
[7] SCHRODER, Peter. **Economia Indígena**. Situação atual e problemas relacionados a projetos indígenas de comercialização na Amazônia Legal. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2003.
[8] Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.

metodológico e entre as obras raras destaca-se o livro do antropólogo da Universidade de Brasília Stephen Grant Baines intitulado "*É a Funai que sabe*"[9], fruto da sua pesquisa de doutoramento e cujo o outro exemplar só foi encontrado na pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, onde o referido autor fez seu estágio como bolsista de Doutorado e acabou lançando o livro pelo próprio Museu.

Na Casa de Cultura do Urubuí, localizada no Município de Presidente Figueiredo, encontra-se também um excelente acervo de documentos, entre eles podemos destacar: documentos raros sobre a construção da Usina Hidrelétrica de Balbina , sobre a mineradora Taboca pertencente ao grupo Paranapanema que explorou a região de Pitinga distrito de Presidente Figueiredo onde foi instalado a mina de Pitinga,com fins de exploração mineral, além de uma Hidrelétrica do mesmo grupo, também encontramos documentos de latifúndios grilados e documentos do MAREWA- Movimento de Apoio à Resistência Waimiri-Atroari.

No escritório do Programa Waimiri-Atroari localizado no bairro do Parque Dez em Manaus, também encontra-se um precioso acervo documental, além de constituir a porta de entrada para a aldeia, na medida em que existe a necessidade da liberação de visitas por esta frente de atuação, porém muitos pesquisadores foram impedidos de entrar no território indígena, o curioso é que o argumento jurídico utilizado na construção do discurso do PWA baseado no Art. 231 da Constituição Federal de 1988, que prevê a autonomia dos povos indígenas sobre suas terras, parece que só tem validade para os pesquisadores, porém não é isso que acontece, pois os interesses empresariais apropriaram-se de forma inescrupulosa do território indígena. Ainda de acordo com o PWA, o Estatuto do Índio de 1973, estabelece a proibição de pessoas não índias em suas terras.

Durante essa fase inicial da pesquisa não é isto que está sendo evidenciado, através da análise dos impactos ambientais nota-se claramente o tamanho do desastre, contrariando o que é dito pelo PWA e o Consórcio Funai/Eletronorte, que teve acesso às áreas indígenas , provocando uma das maiores catástrofes ambientais e étnicas da história do Amazonas; isto no mínimo é contraditório.

Stephen Grant Baines na sua obra "*A Usina Hidrelétrica de Balbina e o deslocamento compulsório dos Waimir-Atroari*"[10] muito importante na época do seu lançamento em 1994 e ainda extremamente atual, destaca a saga desse povo para outras partes da reserva indígena, em conseqüência da inundação de uma grande extensão do seu território

---

9. BAINES, Stephen G **"É a FUNAI que sabe"** . A frente de atração Waimiri-Atroari/Stephen Grant Baines,- Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1990.

10 BAINES, 1994, op.cit,p.166.

provocada pelo fechamento das comportas da Usina Hidrelétrica de Balbina , a leitura desta obra nos levou a refletir sobre o tema e pesquisar em vários aspectos , tanto do ponto de vista do próprio deslocamento, quanto a respeito das questões culturais e de resistência que norteiam a pesquisa, além da preocupação de investigar os reais interesses políticos em detrimento da obra faraônica e insalubre à população indígena.

Buscamos novos aportes teóricos compatíveis que pudessem dar sustentabilidade a pesquisa e tomamos como principal norte o historiador marxista Inglês Edward Palmer Thompson, na medida em que ele no seu livro, "*Costumes em Comum*", (1998)[11], trabalha a questão de cultura e resistência, contrapondo-se ao estruturalismo Altusseriano, a reclamação Thompsoniana é contra um conjunto de ideias que na sua visão, além de improcedentes, legitima o autoritarismo.

Em A *Miséria da Teoria* (2009)[12], Thompson defende a existência da lógica histórica, uma lógica não no sentido cartesiano de uma ciência absoluta, tampouco deve ser submetida aos critérios da lógica analítica, no discurso do autor temos :

> "Não considero a historiografia marxista como dependente de um corpo geral de marxismo como teoria, localizado em alguma outra parte (talvez na filosofia?). Pelo contrário, se há um terreno comum para todas as práticas marxistas, então ele deve estar onde o próprio Marx o situou, no materialismo histórico"[13].

Procuramos também manter um diálogo efetivo com a Antropologia e desta forma indicamos a obra de John Manuel Monteiro, (2001) *Redescobrindo os índios da América portuguesa*[14] : cenas do mundo em discussão, onde o mesmo lança novas questões à causa indigenista. Já no tocante à política etnodesenvolvimentista, indicamos a leitura de Rodolfo Stavenhagem[15], na medida em que o autor trabalha de forma ampla esta questão, já em relação as questões que envolvem diretamente a etnicidade, trabalhamos com a perspectiva de Fredrik Barth[16], que lança novos olhares sobre as sociedades complexas.

---

[11] THOMPSON, E.P.**Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

[12] ______________. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: Uma crítica ao pensamento de Altusser. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

[13] THOMPSOM,E.P. 2009 ibid, p. 54.

[14] MONTEIRO, John. **Redescobrindo os índios da América Portuguesa**: Antropologia e História. In, AGUIAR, Odílio Alves de; BATISTA, José Élcio; PINHEIRO, Joceny. (Orgs). **Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão**. Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 2001, p. 135-152.

[15] STAVENHAGEN, Rodolfo. "**Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada do pensamento desenvolvimentista**". In: Anuário Antropológico 84. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1983.

[16] BARTH, Fredrik. **Análise da cultura nas sociedades complexas**. O guru, o iniciador: e outras variações antropológicas. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa, 200, p. 107-139.

Diretamente no caso de Balbina , temos a excelente obra de José Lauro Thomé (1999)[17], trata-se de um olhar específico em relação à construção de Balbina. A obra de George M. Foster[18] complementa esta visão, detalhado as culturas tradicionais e os impactos da tecnologia. O estudo desta obra nos proporcionou uma grande visão acerca do panorama mais contemporâneo da UHE de Balbina. Em relação a todo caminho percorrido entre dificuldades e a incrível superação e resistência dos Waimiri-Atroari, temos como baluarte a importante obra de Patrícia Sampaio e Regina Erthal[19], que trata basicamente de toda a trajetória dessas populações, tendo como pano de fundo a Amazônia.

O Sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989)[20], proeminente pensador social e com vasta produção intelectual e cultural, nesta perspectiva o autor nos traz significativas contribuições para a compreensão dos fenômenos sociais e argumenta que determinados valores sociais correspondem a visões de mundo que possibilitam a significação dos objetos, comportamentos e interações e através dos valores que os indivíduos sistematizam seus entendimentos sobre o justo, o injusto, o permitido ou proibido, o correto ou incorreto, o belo ou feio.

Partindo dessas premissas podemos inferir que os valores permitem classificar, mais ainda: hierarquizar condutas nos diferentes setores da vida e ação social, disso decorre às ações incentivadas, ou impedidas, é por essa razão que Bourdieu constrói a noção de campo, esse espaço relativamente autônomo, dotado de leis próprias onde os indivíduos estão inseridos. Assim, o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem.

O historiador francês Roger Chartier (1989)[21], ressalta na introdução do seu livro "*A História Cultural entre práticas e Representações*", a importância da concepção de Bourdieu para as Ciências Sociais, por ter desenvolvido uma construção teórica tão diversificada, através da utilização de elementos da Sociologia, História, Antropologia e Filosofia. De acordo com Chartier, Pierre Bourdieu desenvolveu uma nova mentalidade para explicar o mundo social, por meio de símbolos e representações sobre a realidade.

---

17 THOMÉ, José Lauro (1999). **Um Grande Projeto na Amazônia: Hidrelétrica de Balbina- Um Fato Consumado**. Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), Manaus, AM.

18 FOSTER, George. M. **As Culturas Tradicionais e o Impacto da Tecnologia**. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1964 [1962] .

19 SAMPAIO, Patrícia; ERTHAL, Regina. **Rastros da Memória; histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia**. Manaus: CNPq / EDUA, 2006.

20 BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, 298 pág.

21 CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e representações**. São Paulo: difel, 1989.

Os conceitos teórico-metodológicos hora utilizados na pesquisa, nos fornece uma sólida argumentação, além de nos proporcionar diálogos imprescindíveis com outras áreas do conhecimento, nos aproximando da Antropologia, neste contexto Davis afirma:

> Em vários casos, mostramos como a FUNAI foi forçada a sacrificar direitos dos índios sobre a terra, em benefício dos grandes interesses econômicos, dos programas rodoviários estatais, dos projetos de mineração em larga escala, e de empresas agroindustriais na Amazônia. [...] Isso é particularmente verdadeiro no extremo Norte da Bacia Amazônica, onde a integridade territorial das grandes tribos Yanomamo e Waimiri-Atroari está sendo ameaçada por projetos de desenvolvimento de estradas e de mineração[22].

A própria FUNAI, durante o processo de deslocamento compulsório evidenciado no caso da construção da Usina Hidrelétrica de Balbina, incentivou o processo de realocação dos Waimiris-Atroari, porém de acordo com a pesquisa, só foram construídas duas aldeias pela tribo em todo o território, em uma tentativa de encobrir o erro cometido pela própria FUNAI, ao corroborar com os projetos desenvolvimentistas do governo.

É nesse desfavorável contexto que os Waimiri-Atroari ressurgem através das suas práticas culturais e de subsistência que de acordo com José Porfírio de Carvalho :

> Os Waimiri Atroari vivem principalmente da agricultura. Produzem mandioca, macaxeira, cana-de-açúcar, banana , batata doce e industrializam, de forma artesanal a farinha. Fazem o plantio e a colheita por e a colheita por etapas. Nunca armazenando o resultado da colheita. Plantam suas roças em opocas e locais diferentes. Ora próxima a própria maloca, ora entre uma aldeia e outra, nos caminhos que ligam suas povoações. Também são homens caçadores e pescadores, fazendo parte do seu cardápio, antas, macacos, porcos, jacarés , tartarugas, tracajás, paca. Pescam tucunaré, pirarucu, pirarara. Colhem como alimentos auxiliares, frutas do buriti, castanha do Brasil, mel de abelha. As suas casas constituem uma construck de troncos fincados no chão em forma oval ou redonda, com duas portas[23].

As práticas de resistências são evidenciadas ao longo da pesquisa, além disso, temos nos costumes e tradições uma prática viva da cultura Waimiri-Atroari principalmente por

[22] DAVIS, Shelton. **Vítimas do Milagre**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 194.
[23] CARVALHO,José Porfírio Fontenele de. **Waimiri Atroari a história que ainda não foi contada.** Brasília, 1982.p 31. ilust.

intermédio do *Maryba*, durante alguns períodos do ano os Waimiris interrompem seus afazeres para a realização das suas festas tradicionais, na realidade não há um período pré-determinado do ano, geralmente eles fazem quando não há muita atividade de plantio e colheita. O termo *Maryba*, pode ser definido a partir de festas, danças e canto; é um ritual comemorativo que também serve para estabelecer alianças entre os diferentes grupos.

O rito de passagem masculina conhecido como ritual *behe*, ainda é bastante celebrado nas aldeias locais, além da festa do *mydy maryba taha*[24] , que é comemorada quando há a construção de uma nova maloca. O *Maryba* na cultura Waimiri-Atroari, também é celebrado para espantar os maus espíritos, este evento é conhecido como *Irikwa Mriba*[25], as caças também são muito festejadas, sempre com várias *Marybas* para manter as tradições.

Acerca do conceito de cultura Geertz comenta :

> As culturas não são cultos e costumes, mas as estruturas de significados através das quais os homens dão forma à sua experiência, e a política não são golpes e constituições, mas uma das principais arenas na qual tais estruturas se desenrolam publicamente[26].

Complementando seu conceito cultural o autor ainda cita :

> a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade[27].

Este conceito de cultura descrito pelo antropólogo norteamericano Clifford Geertz em sua obra *A Interpretação das culturas*[28], nos forneceu um suporte teórico-metodológico necessário para trabalharmos na pesquisa.

Toda essa demonstração de força, luta e resistência, são reflexos do espírito guerreiro desse povo, que ao longo dos anos vem se superando a cada dia ,resultando em um magnífico exemplo de coragem para todos nós.

---

24 Esta prática cultural e de resistência é conhecida como festa da casa nova comunal.
25 Ritual dos mortos vivos.
26 GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 1989,p. 207.
27 GEERTZ,1989,ibid,p.24.
28 op. cit, 323 p.



Figura 1 : Usina Hidrelétrica de Balbina, localizada na Bacia do Rio Uatumã, no Município de Presidente Figueiredo, precisamente no Distrito de Balbina, Estado do Amazonas[29] .

Até o momento, estamos realizando fichamentos de acordo com a bibliografia pesquisada, além de visitas técnicas nas instituições de custódia das fontes. A História Oral tem um papel importante na pesquisa, na medida em que também trabalharemos com depoimentos e entrevistas. Nesta perspectiva temos na obra "*Ouvir Contar*" de Verena Alberti[30], um verdadeiro marco na historiografia oral e base teórica para pesquisa.

Também temos "*A Memória Coletiva*", de Maurice Halbwachs[31], a questão central consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo; sendo assim, essa possível hipótese poderá ajudar a tentar resolver o problema da pesquisa. Na coleta de dados referentes à política indigenista e a relação dos índios com a "civilização", foram utilizadas nas pesquisas duas obras de Darcy Ribeiro (1962)[32]e (1970)[33].

---

29 Foto: SILVA, (2013).

30 ALBERTI, Verena .**Ouvir Contar**: Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
31 HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: EditoraCentauro, 2006.
32 RIBEIRO, Darcy .**A política indigenista brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura. 1962.
33 ___________. **Os índios e a civilização**. Rio de janeiro: Civilização Brasileira , 1970.

Michel Foucault, também estará presente em nosso trabalho, na medida em que na sua obra "*A Ordem Do Discurso*"[34], o autor argumenta acerca dos procedimentos de controle, e analisa os diversos discursos produzidos, baseados em três princípios: o da descontinuidade, que mostra a limitação descontínua e reflexiva na hora em que estes discursos se cruzam onde se somam ou se excluem. O princípio da especificidade, que mostra que o discurso não deve ser específico para que não seja decifrado diretamente, a fim de não mostrar seus interesses e o princípio da exterioridade, que identifica as condições de possibilidades do discurso, em sua singularidade e manifestação do pensamento e sentido.

Partindo deste aporte teórico, temos uma grande base para analisarmos os diferentes tipos de discursos construídos e produzidos desde a criação da Usina Hidrelétrica de Balbina a partir de 1979, até o ano de 2012. Passando por diversas análises, como por exemplo : a visão defendida pelo PWA " Programa Waimiri-Atroari ", e pela FUNAI e a Eletronorte, que alegam uma significativa melhora da situação indígena, em detrimento dos projetos desenvolvidos nas aldeias após a realocação feita a partir do processo de deslocamento compulsório produzido pelo alagamento de cerca de 1000 km^2 da área da reserva indígena dos Waimiri-Atroari, como conseqüência do fechamento das comportas de Balbina em 1987.

Contrapondo este discurso, temos na visão de ambientalistas e antropólogos o mesmo episódio evidenciado em forma de tragédia. No caso dos Waimiri Atroari, o problema revela-se a partir de uma política indigenista e de uma administração feita pelo Programa Waimiri Atroari juntamente com a FUNAI e a ELETRONORTE, que objetivam passar uma visão transparência e autenticidade , no entanto, a presença de pesquisadores é sempre coibida e blindada na reserva indígena.

[34] FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo , Loyola, 1996.



Figura 2 : Maloca Waimiri Atroari "MYDY" - aldeia MYNAWA[35]

A imagem de um sistema modelo, é constantemente passada por intermédio do PWA[36], porém o que se evidencia até o momento na pesquisa, é uma povo deslocado de forma compulsória da sua área demarcada e realocado em condições totalmente desfavoráveis das originais.

Após o processo de realocação, foi muito difícil obter o próprio material para a construção das suas malocas, na medida em que uma nova frente de trabalho teve que ser criada para dar conta da grande demanda de moradia que as tribos necessitavam depois do fatídico fechamento das comportas da Usina Hidrelétrica de Balbina .

35 Fonte : http://www.waimiriatroari.org.br/ acesso em 31/05/2013 às 20:31
36 Abreviação utilizada para denominar o Programa Waimiri Atroari

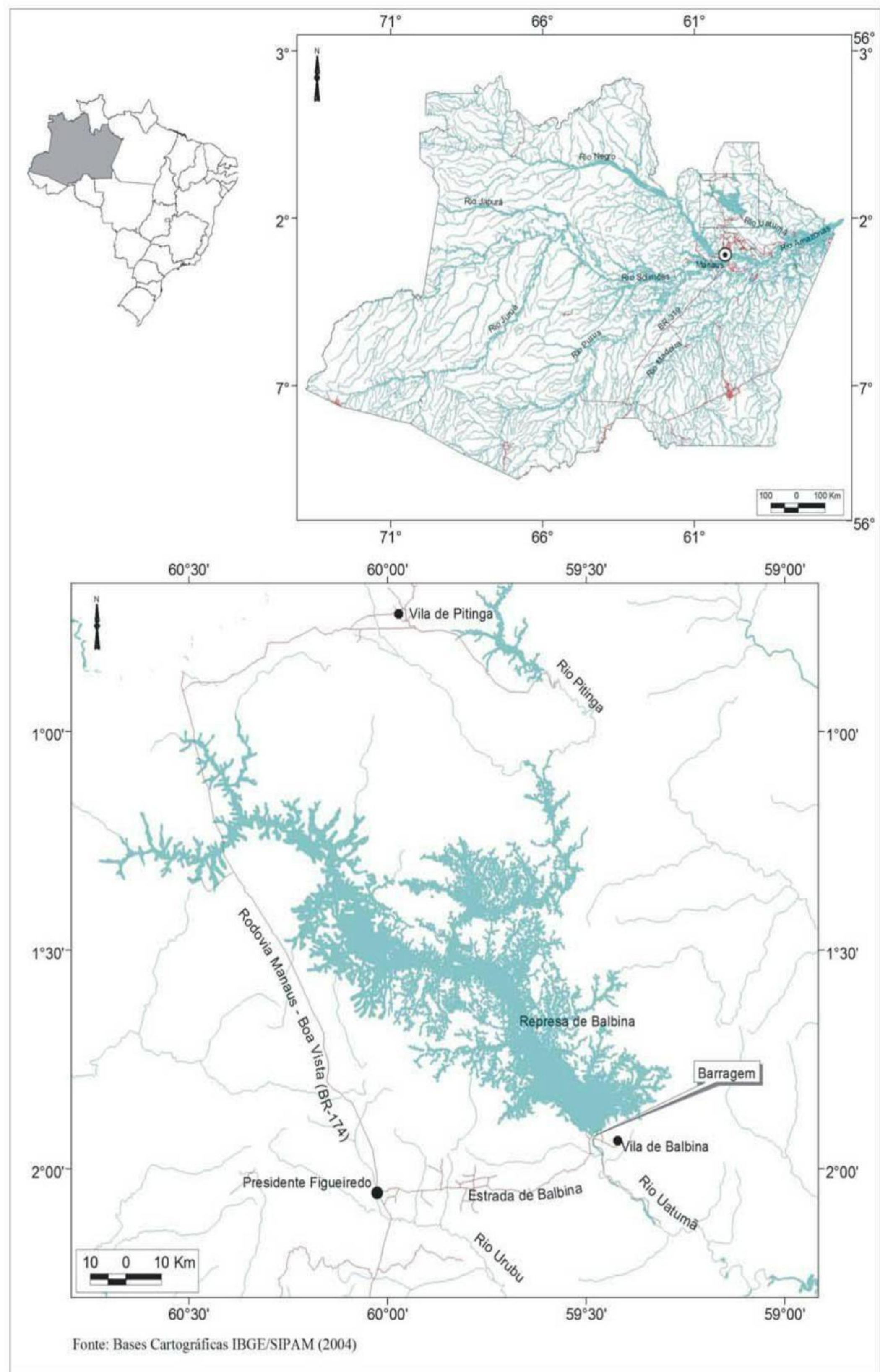


Figura 3: Mapa de Localização da Bacia do Rio Uatumã. [37]

[37] Fonte : Bases Cartográficas IBGE/SIPAM (2004).

A figura em destaque nos dá uma dimensão mais específica acerca da nossa área de estudo, com ênfase na Bacia do Rio Uatumã, onde fica localizada a Usina Hidrelétrica de Balbina, e a região Amazônica, com destaque para o Estado do Amazonas.

Na realidade, há uma enorme diferença nas entrelinhas dos discursos em análise, que são elaborados por locutores com objetivos diferentes, em busca de persuasão na utilização de teorias que venham legitimar seus discursos.

Enfim, até a presente fase, a pesquisa apresenta-se bastante promissora, na medida em que a cada dia, novas perspectivas surgem através de fontes documentais, relatórios e além da colaboração de pesquisadores renomados que estão dando um suporte teórico-metodológico imprescindível para a realização da pesquisa, trata-se do Pesquisador do INPA Dr. Philip M. Fearnside, que disponibilizou gentilmente parte do seu acervo documental acerca dos impactos ambientais, e estudos de viabilidade econômica e capacidade de produção de energia de Balbina, que ratifica o discurso dos ambientalistas.

Além da gentileza pela disponibilidade de ajuda em consultas feitas ao Antropólogo e Pesquisador da Universidade de Brasília o Dr. Stephen Grant Baines, que se constituiu ao longo dos anos como um grande defensor da causa indigenista, dentro desta perspectiva, temos os seguintes Pesquisadores: John Manuel Monteiro[38],o incansável professor Edson Hely Silva[39], que foi um dos grandes inspiradores para a realização deste trabalho, além da Antropóloga Portuguesa Manuela Carneiro da Cunha com sua belíssima obra História dos índios no Brasil[40], e autores como Eduardo Viveiros de Castro, com a obra a inconstância da alma selvagem[41], o João Pacheco de Oliveira com a obra Ensaios em Antropologia Histórica, Luciano Baniwa,com a obra O índio brasileiro[42], na minha opinião um exemplo a ser seguido.

E complementando os diversos diálogos estabelecidos neste trabalho, temos também uma grande contribuição no campo da etnicidade com Max Weber em sua obra, “Relações

38 MONTEIRO, John. Redescobrindo os índios da América Portuguesa: Antropologia e História. In, AGUIAR, Odílio Alves de; BATISTA , José Élcio; PINHEIRO , Joceny. (Orgs). Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão. Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 2001, p. 135-152.

39 Edson Helly Silva Dr. em História pela UNICAMP.

40 CUNHA, M.C.da. (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

41 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O mármore e a murta: sobrea inconstância da alma selvagem. In. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo, Cosac &Naify, ,2002,p. 181-264.

42 BANIWA, Gersem. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Grant Brasília: MEC/Secad; Museu Nacional/UFRJ, 2006.

comunitárias étnicas"[43], e finalizando com uma importante contribuição no campo da etnologia com os textos indigenista de Curt Nimuendajú[44].

Até o momento, a pesquisa encontra-se em uma fase inicial e na medida em que avança, buscaremos mais informações para tentarmos resolver o problema proposto, será que conseguiremos colocar o povo Waimiri-Atroari como protagonistas através de suas práticas de resistências ?



Figura 4: Homens Waimiri Atroari dançando o MARYBA[45]

O Maryba, dança tradicional da cultura Waimiri Atroari, é praticado como um símbolo de resistência desse povo guerreiro e que vem se superando com o passar do tempo , mesmo com todas as adversidades e problemas ocasionados pela construção de Balbina.

---

43 WEBER, Max. " **Relações comunitária étnicas**". In: Economia e sociedade. V.I Brasília, Editora da Universidade de Brasília , 1921.
44 NIMUENDAJÚ, Curt. **Textos Indigenistas.** São Paulo: Edições Loyola, 1982.
45 Fonte : http://www.waimiriatroari.org.br/ acesso em 31/05/2013 às 21:14



Figura 5 : Mulheres Waimiri Atroari preparando palha de buriti para confecção de artefatos.[46]

A resistência heróica desse povo é um exemplo de luta, superação e coragem, contra um sistema administrativo que tenta monopolizar sua tutela em detrimento dos interesses desenvolvimentistas , capitalistas e exploratórios.

46 Fonte : http://www.waimiriatroari.org.br/ acesso em 31/05/2013 às 21:23